

O PENSAR É FUNDAMENTALMENTE CULPOSO

ENTREVISTA DE HEINER MÜLLER A FRANK RADDATZ*

Tradução do alemão: Sergio Tellaroli

RESUMO

Nesta entrevista, o dramaturgo alemão Heiner Müller expõe sua visão sobre a "era tecnológica" em que vivemos, um mundo dominado pela mecanização, no qual o contato entre as pessoas tende a desaparecer, e os conflitos tendem a ser teatralizados e não resolvidos. Para Müller, as drogas são um aliado do homem na luta contra a máquina e as minorias são uma espécie de refúgio do pensamento.

SUMMARY

In this interview, the German playwright Heiner Müller discusses the "technological era" in which we live: a world dominated by mechanization, in which interpersonal contact tends to disappear, and conflicts tend to be dramatized, instead of solved. In Müller's view, drugs become man's ally in the struggle against machine, and minorities serve as a refuge for thought.

Sr. Müller, a anexação se aproxima. O senhor esperava que a República Democrática Alemã (RDA) se transformasse numa alternativa independente à República Federal da Alemanha (RFA). Que perspectiva política o sr. vê agora?

A política só se tornará importante novamente daqui a três ou cinco anos. O que quer que aconteça no plano político terá muito pouco significado enquanto não se delinear um ponto de partida para uma alternativa. Isso, porém, é absolutamente impensável para os próximos anos. Até lá, teremos apenas processos de adaptação a uma estrutura com a qual, provisoriamente, as pessoas têm de se contentar. Durante essa fase de adaptação, a criminalidade vai aumentar, mas isso permanecerá na esfera do privado, sem se organizar politicamente por um bom tempo, ou, quando muito, apenas no nível das brigas de bar e das desordens nos campos de futebol. Sem que haja uma alternativa, esquerda e direita são categorias sem sentido. Algo assim como duas barracas vendendo salsicha: numa delas, consegue-se um pouco mais de ketchup; na outra, mais mostarda. Tudo se reduz a duas maneiras distintas de empurrar a mesma salsicha às pessoas.

(*) O texto que publicamos é a sexta parte da entrevista, publicada na revista *Transatlantik* nº 7, junho de 1990.

Numa Europa central economicamente estável, os conflitos sociais não terão o significado histórico que tiveram na República de Weimar.

O verdadeiro problema da era tecnológica é a desrealização da realidade: sua remoção para o abrigo da fantasia. Nada é como está. Tudo se torna cada vez menos verdadeiro. Essa é a tendência. O interesse das pessoas umas pelas outras, mesmo daquelas em conflito, diminui progressivamente. A resolução dos conflitos reais vai sendo substituída com força cada vez maior por sua teatralização. Em uma de suas narrativas, o autor de ficção científica inglês Ballard descreve um mundo no qual não há mais contato físico entre as pessoas. A personagem principal, um médico, é feliz no casamento e tem dois filhos. Sua família, ele só a conhece através do vídeo. Por fim, arruma um encontro com a mulher. Pela primeira vez, cada um deles se vê dividindo um mesmo espaço com um outro ser humano. De repente, ambos se vêem tomados de uma monstruosa agressividade, já que nunca haviam sentido o cheiro de um outro ser humano anteriormente. Pouco antes que se dilacerem, o médico consegue interpor novamente as máquinas entre ele e sua mulher. Mas a idéia do contato físico com a família não o abandona, e lhe ocorre que talvez a presença das crianças possa produzir um efeito harmonizador. E, de fato, ele consegue reunir-se com a mulher e as crianças. O resultado é um massacre pavoroso. A narrativa de Ballard torna claro em que direção caminha a tecnicização do mundo — na da abolição do contato entre os seres humanos, da própria necessidade desse contato. É essa, aliás, a abordagem que a montagem de Peter Stein faz da última peça de Koltés: *Roberto Zucco*. O assassino é o último dos seres humanos que ainda procura o contato, enquanto o resto da humanidade só faz passar ao largo de seus semelhantes nas escadas rolantes. Num tal mundo, o assassinato, o conflito transforma-se no lugar-tenente da humanidade.

Mas a glorificação do criminoso é já há tempos um topos da literatura francesa. E isso desde Baudelaire, passando por Genet, até as memórias de Mesrine — homenagens dos escritores franceses a Villon.

Vamos falar alemão. No momento, graças à possibilidade de aniquilação absoluta, a guerra parece algo sem sentido. Mas tampouco é admissível que estejamos diante da paz eterna, porque esta seria o fim. Importante seria o desenvolvimento de estruturas que dessem novamente sentido à guerra. Este é um velho tema prussiano — já Kleist buscava uma guerra que fizesse sentido. Sem o contato — e os conflitos necessitam do contato —, o que há de humano nos homens vai se extinguir. *Isso significa, conseqüentemente, que a guerra é o último refúgio daquilo a que chamamos o humano*. Sim, porque a guerra é contato, é diálogo, é tempo livre.

O senhor fala a sério?

Isso é o que se deve ver como pano de fundo do nosso mundo totalmente mecanizado. Ernst Jünger descreve de que maneira, na batalha de Somme — numa batalha material, portanto —, o ataque se transforma em algo como um recreio, um ato de sociabilidade. Isso não tem nada a ver com

posição política, e sim com a descrição de uma realidade; trata-se de uma variante do juízo de Brecht acerca do 17 de junho de 1953 na RDA: "Esse é o primeiro contato da direção do partido e do Estado com o povo".

Os acontecimentos do 17 de junho foram deflagrados por elevações da norma, evidenciando que os interesses do governo e dos trabalhadores não eram congruentes.

Esse foi precisamente o erro capital. A RDA estava completamente determinada a ultrapassar o capitalismo e se esqueceu de que, em seu programa inicial, pretendia ser uma alternativa a ele. Os trabalhadores daqui gostaram de poder sempre descansar seus quinze minutinhos, ou seja, fazer uma pausa. A RDA sempre se envergonhou de que os trabalhadores defendessem o direito à preguiça.

Não se analisou a realidade, mas se operou cegamente com ela, e justamente no terreno político-econômico, a partir de categorias do século XIX. Para Arnold Gehlen, por exemplo, a transformação de material orgânico em inorgânico constitui a verdadeira revolução do nosso século — ou seja, a industrialização da agricultura. Trata-se de uma ruptura gigantesca, uma vez que a máquina obedece a um tempo que não é o do homem.

A questão agora só pode ser criar uma reserva para o humano, para a velocidade biológica do homem, em meio a esse parque de máquinas que cresce cada vez mais rápido e se move a uma velocidade cada vez maior.

No capitalismo, o tempo é uma categoria econômica. A meta é, em um tempo cada vez menor, produzir cada vez mais... um crescimento infinito.

...e a cortina de ferro representou uma muralha temporal. Enquanto ela existiu, o problema do tempo esteve geograficamente confinado. Agora esse confinamento se foi, e o homem, desprotegido, está à mercê do mundo das máquinas. Só o que ele pode fazer é esperar encontrar ainda um lugar para si em meio às máquinas multiplicando-se infinitamente. Na RFA, já há mais espaços para os carros — quer dizer, para ruas, estacionamentos e coisas do tipo — do que para habitação. O ganho de tempo, no sentido capitalista, corresponde a uma perda do tempo para o sujeito. *Do ponto de vista da estrutura capitalista, o homem ideal é a formiga.* O ser humano é um fator de perturbação. É por essa razão que, sendo impossível mecanizá-lo completamente e, assim, esvaziá-lo de suas necessidades e qualidades verdadeiras, ele, em algum momento, tem de desaparecer. No *Fatzer* de Brecht*, quatro soldados estão, durante a guerra, numa região já completamente devastada, onde apenas metade de uma árvore permanece de pé. Eles refletem sobre para onde ainda poderiam ir, mas já não podem ir a lugar algum, pois em toda parte está o ser humano — o ser humano alienado, na qualidade de canhão. A consequência disso é: o homem é o inimigo e ele precisa acabar. Se invertermos, assumindo o ponto de vista da máquina, a conclusão também é válida. O ser humano é o inimigo da máquina, é o fator perturbador de qualquer sistema ordenado. O homem é desordenado, faz sujeira, não funciona. Portanto, ele tem de desaparecer, e esse é o trabalho do capitalismo — da estrutura da máquina. A lógica da máquina corresponde a redução do

(*) *Untergang des Egoisten*
Johann Fatzer (1927-30).

ser humano a matéria-prima, ao material mais dente de ouro. *Auschwitz é o altar do capitalismo. A racionalidade como único critério obrigatório reduz o homem ao seu valor material.*

Mas há uma total irracionalidade inerente precisamente a Auschwitz.

Ernst Jünger levantou a tese de que a estratégia do genocídio adotada pelos nazistas ocupou espaço nos transportes da *Wehrmacht*, dificultando a vitória. A afirmação não pretendeu ter qualquer conteúdo ideológico, mas foi apenas uma tentativa puramente objetiva de levar até o fim um pensamento. Jünger não compreendeu que a doutrina militar dos nazistas repousava sobre o estratagema da aceleração total. O importante não era que a *Wehrmacht* derrotasse o Exército Vermelho, ou que Rommel vencesse Montgomery. Esse era apenas o movimento na superfície, o teatro da guerra. Sua realidade, em contrapartida, era inteiramente econômica e tecnológica. Tratava-se de testar a tecnologia, de introduzi-la na vida cotidiana, da tecnicização da vida. Toda tentativa de aceleração total encontra nas minorias seu principal adversário. Isso porque as minorias representam sempre algo autônomo, barrando o caminho da aceleração. As minorias são freios. Daí advêm o ímpeto de aniquilá-las, pois elas insistem em manter sua velocidade própria.

Isso corresponde à estrutura da racionalidade ocidental: conhecer significa generalizar. Ou seja, desqualificar ou denunciar o heterogêneo, que não se reduz a um conceito, que não se deixa uniformizar.

O que é, sem dúvida, evidente é que a acumulação do saber conduz a uma concomitante redução da eficácia. *Sabe-se cada vez mais, mas pode-se fazer cada vez menos com isso, perdendo-se a capacidade de intervir na realidade.* Matthias Langhoff escreveu certa vez sobre minha peça *Filoctetes*, que a personagem com o maior raio de ação é aquela que sabe menos — Neoptôlemos. Quanto mais se sabe, menor o raio de ação. É esse o problema em Hamlet também. Há algo aí que não se coaduna com o nosso pensar. Reconhece-se com cada vez maior exatidão aquilo que se avizinha, mas tem-se cada vez menos a capacidade de influenciá-lo.

A práxis é a técnica, ao passo que a acumulação do saber produz, antes, um aparvalhamento.

O que se está abolindo é a experiência. Qualquer idiota é capaz hoje de bater uma fotografia. A tecnicização do sensível faz com que não se precise mais ver. Essa é a constatação de Benjamin, de que o fotografar turístico extingue a memória. Aquele que não pode se lembrar já não absorve experiências. O universo sensível está sendo colonizado pelas máquinas. No combate a isso somente as drogas ajudam. *A droga é o aliado do homem na luta contra a máquina.* Isso porque as drogas significam um ganho de tempo para o sujeito; as máquinas, uma perda.

Um Erich Honecker fumante de haxixe... Na certa, muita coisa teria sido diferente.

Tudo isso era considerado decadente. Para Lukács, a eternização do momento, a paralisação da história, portanto, era a fórmula para a decadência. Esse pecado mortal volta-se contra o progresso, contra o crescimento capitalista. Idêntico é o alvo da formulação de Nietzsche: "Todo prazer deseja a eternidade". A demanda pelo momento expressa o desejo de imortalidade. Uma afronta à realidade dada. Que jamais se tenha querido ver isso foi o pecado mortal da experiência socialista.

Mas a glorificação da máquina é sólido componente da teoria marxista. Afinal, sem a máquina, a própria classe operária é inconcebível

Na base da destruição das máquinas pelos operários estava a saudável intuição de que a máquina, na qualidade de precondição para a existência social, devora ao mesmo tempo a própria existência social, terminando por liquidar com o proletariado enquanto sujeito da história. A destruição das máquinas não foi simplesmente algo tolo ou romântico. Acrescente-se a isso a consciência de que o tempo jamais trabalha para o indivíduo isolado, mas, no máximo, para as massas. O tempo livre, aliás, esvaziou-se completamente, tendo sido preenchido pela sociedade de consumo. Esse, porém, é o verdadeiro objetivo da luta: um tempo que seja livre do consumo, da economia de mercado, das máquinas. Um tempo assim só passa a existir com as drogas — daí, aliás, a rápida intensificação do seu uso. A intuição vital aqui é a mesma daqueles que destruíam máquinas. Sim, pois não há tempo livre em meio à ordem. O único tempo livre é o da droga ou o da arte. Mas a arte é um privilégio. Para as massas, resta apenas a droga, caso elas desejem alcançar esse tempo livre. A luta dos Estados Unidos contra a droga é uma verdadeira guerra. Uma guerra contra a possibilidade de se escapar ao sistema da ordem, arrancar-se dele. Tomar drogas significa abandonar o campo. Não querendo mais jogar, o indivíduo torna-se perigoso. Isso porque quem está fora não se deixa mais controlar. Quando se compara o número das vítimas da droga àquele das dos acidentes automobilísticos, verifica-se que toda a agitação contra as drogas é ridícula. O número das vítimas da mecanização é muito mais alto. Mas a moral está do lado da máquina. O Humanismo é a ideologia da máquina.

O postulado de Adorno de que a poesia não seria mais possível depois de Auschwitz prolonga o sofrimento. Mais lógico seria dizer: depois de Auschwitz, a química não é mais possível.

A tese de Adorno é marcada por um caráter de capitulação total. O contrário é que é correto: depois de Auschwitz, só resta a poesia. Naturalmente, como ser humano, eu posso entender Adorno — Auschwitz como um trauma judeu —, mas trata-se de uma tese equivocada. A lírica é uma saída da realidade. E somente quando se sai do tempo é que se pode exercer influência sobre ele. É apenas fora da máquina que se pode encontrar uma possibilidade de perturbar a evolução por ela determinada. No interior da máquina, isso não é possível de jeito algum. Não ler mais poesia alguma significa permanecer no interior da máquina. E esta é, desde Auschwitz, determinada e definida por Auschwitz.

Uma ruptura tão profunda quanto Auschwitz é Hiroxima — duas formas assumidas pela industrialização da morte.

A questão é se na base de tudo isso não está a própria pulsão de morte da sociedade industrial, se não são a consciência da mortalidade e o medo de ficar só que constituem o motor da indústria. Contemplando-se as catástrofes históricas do nosso século, torna-se plausível supor que a fetichização da aceleração repouse no desejo de uma condução mais rápida à morte. Vendo-se a questão por esse ângulo, Einstein criou um gigantesco potencial não apenas de aniquilação, mas de salvação também. Antes, havia a época cristã, que termina no Juízo Final. O fim precede a salvação, e, até lá, o homem tem de resistir; na religião, aniquilação e salvação apresentam-se acopladas. O fim do mundo físico representa a salvação para o espírito. Depois que esse vínculo entre salvação e aniquilação não pôde mais ser mantido pela religião, a tarefa foi delegada à ciência. Einstein é a tentativa de encontrar um sucedâneo para o vínculo religioso entre medo e esperança. Uma sua transposição para dimensões cósmicas. A bomba atômica é o sucedâneo das ciências naturais para o Juízo Final.

É já curioso que a bomba atômica tenha sido desenvolvida justamente por um pacifista.

Motivado por Hitler. Para Marx, o Juízo Final não era problema algum; já para Lênin, sim. Por toda parte, onde se implantou o socialismo, houve uma limpeza sentida como um Juízo Final. Graças à fraqueza econômica inicial na União Soviética e na China, houve essa paródia do Juízo Final na qual minorias privilegiadas — *kulaks*, por exemplo — foram liquidadas. Com isso, teve início a redução das concepções de Marx à esfera da religião. A única alternativa à religião é o comunismo. Mas ele necessita da individualidade, ao passo que a variante einsteiniana massifica. A individualidade só existe onde o ser humano encara a solidão. Enquanto ele não superar o medo de sua própria solidão, o comunismo não tem chance.

William Burroughs acredita que deveriam ter matado Einstein já no berço.

Isso é besteira. Se se quer formular a questão em língua americana, o que se poderia dizer é: *o que os furúnculos na bunda foram para Marx, os suspensórios foram para Einstein*. Eis aí uma imagem para o distanciamento da realidade. Para Marx, não havia o mal. Para Einstein, e via Hitler, ele existia. Isso o tornou novamente religioso, dentro da sua esfera. Se o mal existe, também o bem tem de existir. A bomba atômica simplesmente não foi o bem, mas um outro mal. Einstein é o apóstolo João traduzido em tecnologia. Interessante no Apocalipse é, afinal, a fascinação pelo mal — a realização do Evangelho pelo terror. A visão do Apocalipse é a bíblia do terrorismo.

Mas Hitler também deu sua contribuição em termos de Apocalipse.

Não se pode mencionar Hitler nesse contexto. Ele é um nada, um pateta. Um conglomerado de lixo que não tem coisa alguma a dizer à

humanidade. Hitler foi um jogador. Stálin, não: Stálin calculou tudo com precisão. Contra ele, Hitler não tinha a menor chance. Marx e Einstein permanecerão para sempre na memória da humanidade, marcando-lhe a realidade. Hitler estará esquecido daqui a três gerações. Um louco do século XX.

A questão é se podemos de fato falar em Einstein, por exemplo, nessas dimensões. Tudo isso são reflexões de pessoas privilegiadas, enquanto a maioria da humanidade tem de se preocupar com a pura sobrevivência. *É por isso que eles odeiam os intelectuais, que têm tempo para conversas desse tipo. Afinal, como Einstein, nós estamos constantemente tratando de oferecer bombas.* E simplesmente porque não temos solução alguma a oferecer para os problemas da maioria da espécie humana. Talvez não haja solução para esses problemas. Mas só o fato de podermos refletir sobre eles já nos denuncia. Pensar é culpa. Não digo isso do ponto de vista moral ou autocrítico. Cada um existe dentro da sua dimensão, e nós existimos porque pensamos, porque temos a possibilidade de pensar, porque não temos de trabalhar sem pensar.

O pior é que essas reflexões ainda alimentam o Zeitgeist pós-moderno, que clama pelo arbítrio total

O tema principal da literatura de ficção científica ocidental é o desaparecimento do sujeito. Esse é também o tema central do pós-modernismo francês. Que isso é bom, é o que Virilio, Baudrillard ou Lyotard tentam fundamentar ideologicamente. Trata-se da tentativa de conseguir a conexão com a máquina; correm a pé atrás dela. Todo o esforço da teoria no Ocidente restringe-se àquele de estar do lado dos vencedores, das máquinas. No nosso século, os vencedores são os que produzem a ruína. Temos de nos recusar a vencer. Interessantes são os fracassados, como Beckett, por exemplo. Os pós-modernos simplesmente têm medo de não pertencer aos vencedores, mas àqueles que vão para o campo de concentração — no sentido intelectual.

Um cientista pós-moderno é já um fenômeno absurdo — uma personagem de história em quadrinho baseada numa idéia de Beckett. Em Dostoievski, os niilistas tinham ainda um formato. Estavam desesperados e, então, muito casualmente, suicidavam-se.

Para mim, Dostoievski foi uma experiência decisiva. Pouco antes de eu ser convocado, em 1944, li *Crime e castigo*. Foi uma coisa colossal. O questionamento de Raskólnikov reza: o que resta de fato quando a religião desaparece? Que argumentos ainda se tem então contra, digamos, Auschwitz? Raskólnikov mata uma velha usurária porque ela tem dinheiro e só o que faz é acumulá-lo. Ele acredita ser Napoleão, ou possuir o mesmo nível de inteligência deste, e precisa de dinheiro para tornar realidade o seu gênio. A velha usurária não precisa do dinheiro — ela é um inseto, um ser inferior. Ele a transforma em material e a mata, a princípio, com a consciência mais limpa do mundo. Depois é que vem a grande descoberta russa de que isso talvez não seja, afinal, correto. Como resposta ao princípio Auschwitz, o que

se tem é apenas a misericórdia: o amor de uma prostituta. Isso contém um elemento kitsch e cristão, mas, até agora, não há qualquer outra resposta a Auschwitz que não a misericórdia. O tema fundamental de Dostoiévski é a tentativa de encontrar nesta civilização uma resposta para esse princípio da aniquilação. Isso está vinculado à sua biografia. Ele foi levado para ser executado e pensou que fossem fuzilá-lo. Em vez disso, deportaram-no para um campo na Sibéria. Na verdade, já estava morto, e, a partir de então, começou para ele uma nova vida. Essa foi a sua experiência fundamental. A misericórdia é uma asserção que, talvez, nunca possa ser verificada.

O outro ponto em Dostoiévski é a formulação precisa do difuso, daquilo que não se pode atrelar a uma ordem no pensamento russo. Isso eu sigo sempre considerando uma esperança. A Rússia é uma negação do poder da ordem, é um poder do caos que resiste à ordem, mesmo àquela entendida como processo. *Crime e castigo* foi escrito contra o princípio Auschwitz, e Auschwitz é originário do Ocidente. *Dostoiévski é o autor que se encontra mais próximo de Shakespeare, o primeiro acontecimento depois de Shakespeare. O próprio Shakespeare não criou ordens, mas contrapôs-lhes um caos com o qual, desde então, a ordem tem de se debater.*

Dostoiévski colocou a questão: o que acontece quando se mata um besouro ou uma mosca? Isso dá início a algo que pode ser infinitamente perpetuado. O impulso é deflagrado pelo fato de o besouro ser algo estranho. Um besouro tem um ritmo de movimento que para nós é inabitual. Tudo que é inabitual irrita, perturba, e é daí que provém o impulso de unificação na Europa. As moscas só incomodam. É por isso que as pessoas as matam. A façanha da propaganda nazista consistiu em conduzir os homens a um estado no qual aniquilar judeus e matar russos era o mesmo que abater porcos. Kafka dá continuidade a Dostoiévski num outro contexto. Na qualidade de judeu de fala alemã em Praga, sua condição era já, desde o princípio, a do excluído. Seu principal trabalho consistiu em segregar-se a si próprio. Por intermédio de sua escrita, Kafka fez-se a si próprio um prisioneiro de campo de concentração. Daí o seu realismo. A última frase de Mielke na Câmara do Povo foi: "Eu amo vocês todos". Kafka, em *O veredicto*, escreve: "Queridos pais, eu sempre os amei". Essa é a última frase do condenado antes de pular da ponte. Mielke certamente não conhecia Kafka, mas Kafka conhecia Mielke.

Na II Guerra Mundial o matar foi, para o soldado normal, mediado pelas máquinas, de modo que sentimentos de culpa individuais — desconsiderando-se aí os crimes de guerra — dificilmente puderam ter lugar.

Todo crime tem de ser expiado, mas há que se perdoar os mortos. Esse é o problema em relação a Bitburg, o cemitério dos SS onde Reagan e Kohl uniram-se orgiasticamente. Eu compreendo a revolta que isso suscitou, mas seu rumo é falso. *Sete contra Tebas* de Ésquilo tematiza o mesmo problema da *Antígona* de Sófocles. Em Ésquilo, os princípios desfrutam ainda uma absoluta igualdade de direitos. Antígona tem razão e Creonte tem razão também. Em Sófocles, segue sendo assim, mas a questão é enriquecida pela

presença da subjetividade. A posição de Antígona é a seguinte: se eu perco um marido, se perco os filhos, posso recuperar o marido na figura de um outro homem e ter novamente filhos de um outro homem, mas um irmão eu não posso ter de volta. Essa é a forma de pensar do clã, ao passo que Creonte não vê o irmão de Antígona como um membro de um clã, mas como um cidadão de um Estado, e nega-lhe o funeral. Essa é a transição histórica do clã para o Estado. Em Ésquilo, clã e Estado opõem-se ainda com igualdade de direitos. Polineices e Eteoclés têm ambos o mesmo direito ao sepultamento. Na *Antígona*, pelo contrário, o desertor, o traidor não tem direito algum a uma sepultura. A mão do Estado começa aí a interferir nos mortos. *Em Bitburg, teria sido necessário explicitar que, sobre os mortos, o Estado não tem mais direito algum.* A maioria dos homens da SS, tenham sido eles assassinos ou não, acreditava em seu direito histórico. Eles têm o direito, como outros mortos o têm, de serem enterrados.

Ainda que o seu ponto de referência situe-se na Antigüidade, a cultura alemã é muito mais viciada na morte do que o modelo grego.

Ora, os que tombaram na II Guerra Mundial lutando como soldados alemães não eram todos criminosos, mas, muito mais, homens seduzidos. Alexander Kluge nos conta sobre dois oficiais em Stalingrado que encontram uma carga de provisões. Como já estão quase mortos de fome, os dois comem juntos a carga. Cada um vai então para um abrigo subterrâneo e se mata. Os oficiais alemães da época ainda liam Hölderlin e Kleist, algo inconciliável com o fato de que os dois haviam comido as provisões destinadas às tropas.

Por que o fascismo nunca foi discutido dessa forma na RDA?

O renascimento da direita na RDA é algo macabro — na RFA, ele é, antes, normal. Mas também em Moscou jovens de dezesseis, dezessete, dezoito anos estão começando a colecionar distintivos nazistas. À direita dos republicanos, formam-se agrupamentos para os quais os republicanos, porque usam gravatas, são liberais demais. Esses agrupamentos são contra Hitler, porque ele era meio judeu, mas a favor do nacional-socialismo. Agora, como é que surge uma coisa dessas? Um ponto é que a história nunca foi realmente trabalhada, mas apenas moralmente banida. Nunca se levou em consideração que pessoas mataram acreditando piamente no que estavam fazendo. Elas foram sempre declaradas criminosas, em vez de se considerar que agiram em função de um posicionamento — e estou falando aqui específica e unicamente daqueles indivíduos não propriamente criminosos. Agora equiparam os Gulags aos campos de concentração, porque nunca se discutiu sobre isso.

Na RFA, as auto-estradas de Hitler talvez absorvam um punhado de energias fascistóides? Nelas, o viciado na morte pode perfeitamente descarregar suas energias.

A experiência da morte transformou Dostoiévski num jogador. Hoje, todos são jogadores: as máquinas jogam com as pessoas. A cada viagem de

carro ou de avião, elas arriscam suas vidas. Essa é uma experiência fundamental, que não é vivida, mas recalçada. Para Dostoiévski não havia ainda a possibilidade de um acidente de avião, por isso ele precisava ainda de Baden-Baden. Ele sabia que se estava caminhando para uma época na qual há somente objetos. Jogar *é uma possibilidade subjetiva de se permanecer sujeito*. O jogador sente a si próprio como sujeito, embora ele seja um objeto. Na condição de jogador, cada um é, em algum momento, objeto de uma máquina.

É de Baudelaire a frase: *"O tédio é a dor distribuída no tempo"*. No metrô, no táxi, no carro, as pessoas sentem tédio. Tudo demora demais. Todos anseiam pelo foguete, que conduz rapidamente à meta. De Mazière é simplesmente tedioso, todo esse governo da RDA é um tédio completo, porque se sabe com certeza que daqui a um, dois meses não vai haver mais esse governo. Eles próprios sabem que eles não são reais. *E mesmo o Kohl também não é real. A vantagem dele é que ele existe numa estrutura ainda intacta. Nesse sentido, não faz a menor diferença quão imbecil ele é. Ele é o cuco do relógio*. Totalmente substituível. Lafontaine tem a desvantagem de ser ainda relativamente jovem para a política e de ser visível nele que ele ainda quer alguma coisa. Isso o desqualifica. As pessoas que querem alguma coisa incomodam. Quanto a Kohl, sabe-se que ele não quer nada; quer apenas permanecer. Ninguém o leva a mal por isso, todos compreendem. Todo mundo quer permanecer.

Talvez haja aí um paralelo com a estrutura do Humanismo. O Humanismo garante formalmente a todos um direito à existência, o que fortalece ainda mais naqueles que se encontram de facto numa posição superior o desejo de permanecer.

O Humanismo define a identidade de uma forma puramente passiva. Por trás disso está o desejo de, na medida do possível, não perder nada. É uma ideologia de aposentado. O que se tem não se quer entregar de volta. Esse é o principal fator de estabilidade das condições hoje reinantes. Na verdade, nunca funciona, mas impede qualquer movimento em direção às estruturas mais profundas.

Havia aquela idéia de que esta nossa espécie é algo coletivo e, a partir daí, da existência de certos compromissos para com a vida. De que o homem vive relativamente a outros homens. Aqueles que passam fome para que nós possamos comer. Essa idéia conviveu com massacres monstruosos, com o terror. Agora, porém, ela vai desaparecer. Ninguém na Europa ainda se interessa pela África. A África vai se transformar em material para a Europa. Material humano. *Vai se tornar um lugar-comum que o negro que é morto na África do Sul ou o indiano que morre de fome nada têm a ver conosco*. A sensibilidade para a inter-relação da fartura daqui com a pobreza de lá vai se extinguir. Isso porque o que importa ainda é somente o funcionamento. Graças à mecanização e à tecnologização do sensível, os homens são em tal medida apartados da experiência, que eles escorregam para o funcional. Tudo se reduz ao slogan brutal do Deutsche Bank: "Das idéias resultam mercados". A idéia é aí totalmente intercambiável; e, de todo modo, é mercadejada.

Se os homens não aproveitam seu tempo de vida para trabalhar seus próprios problemas individuais, não encontram sentido algum para sua vida. A assim chamada participação nas idéias serve, afinal, também para afastar os homens de si próprios.

Para o capitalismo, antes como agora, segue valendo a frase de Brecht: "Se eles querem ver alguma coisa que tenha sentido, precisam ir a um mictório". Cummings, o autor americano que criou a expressão *lost generation*, escreveu certa vez: "O que será dos homens que não são artistas? Nada resultará deles, o nada resultará deles".

Nos períodos nos quais quantidades maiores de pessoas vêem algum sentido à sua frente, acreditam em algo que tenha sentido, elas não precisam da arte. No abismo que se segue à perda de todo o sentido, cria-se a conjuntura para a arte, até a próxima ilusão da presença de um sentido. O que diferencia o século XIX e a primeira metade deste século do que veio depois é o fato de que a questão do sentido não surge mais na literatura e na arte. Trata-se agora unicamente de desconstruir, de descrever os fenômenos. Por um tempo, levantou-se ainda, na contracorrente, a questão negativa do sentido. Agora, porém, simplesmente não se pergunta mais por ele. Importa somente o funcionamento. Além disso, vai se tornar cada vez mais difícil inserir no discurso aqueles às custas dos quais o todo funciona. Na porção rica do mundo, as pessoas logo se limitarão a ficar sentadas defronte a seus vídeos tendo conversas consigo mesmas. Ninguém mais se mexe, já que tudo o que as pessoas precisam elas vão obter por intermédio de canais de televisão. Abaixo disso, restará então apenas o murmurinho abafado daqueles que não têm televisão. Essa é a utopia do capitalismo.

Esses que murmuram são as minorias?

Só se pode ainda pensar a partir das minorias. É somente à margem que ainda se pensa, pois é unicamente a partir dela que ainda há movimento. É necessário que, como Kafka, se pense do ponto de vista daqueles que são segregados. *Quem ainda grita são apenas as minorias. A maioria não tem mais necessidade disso. Ela tem carros e, no máximo, buzina antes de atropelar uma minoria em plena rua.* Ao extermínio das minorias corresponde o extermínio das biografias. Estas são minoria, assim como cada indivíduo, na medida em que permanece sozinho, constitui uma minoria. As biografias exterminadas compõem a base da maioria, e a dor pelo próprio extermínio transforma-se em ódio contra as minorias. Depois da II Guerra Mundial, André Gide escreveu: "Alguns irão salvar o mundo". A ênfase aí foi colocada sobre "alguns".

Quando Benjamin disse que Kafka era o primeiro escritor bolchevista, Brecht retrucou: "Então eu sou o último católico". Mas Benjamin foi direto ao ponto. Kafka foi o primeiro autor que não quis se tornar imortal; quis que seus textos fossem queimados. Levou sua escrita para o campo de concentração porque pressentiu Auschwitz como a consequência da cultura européia.

Uma outra variante do que Kafka quis é o movimento da escrita de Faulkner — o obscurecimento da informação através de uma hipertrofia da dicção, da

expressão. Faulkner escreveu do ponto de vista da situação do Sul dos Estados Unidos. Transformou-se num negro. Kafka e Faulkner deram prosseguimento à obra de Dostoiévski. O tema fundamental dessa linha Dostoiévski-Kafka-Faulkner é a segregação: Auschwitz como o último estágio do Esclarecimento. Por volta do final do século XVIII, aconteceu em São Petersburgo um congresso de teólogos e juristas. O problema dos russos era que eles não sabiam o que fazer com seus criminosos, pois não podiam mais financiar as prisões. A delegação franco-jacobina deu a sugestão de se construírem campos de trabalho. Isso era o pensamento europeu do Esclarecimento. Só que os russos jamais teriam pensado nisso, porque não está na Bíblia, e eles ainda não eram esclarecidos. É desde então que temos os Gulags.

O primeiro pensador a perceber a estatura de Dostoiévski foi Nietzsche.

O super-homem de Nietzsche não é nada mais do que o criminoso ou o idiota em Dostoiévski. Se bem que, com o criminoso ou o idiota, Dostoiévski apontasse sempre para o russo como alternativa para o Ocidente. Nietzsche compreendeu em Dostoiévski, a quem sempre caracterizou como um grande psicólogo, que ele formulava informações a partir do futuro. A psicologia de Dostoiévski assentava-se sobre quatro anos de prisão num campo da Sibéria, onde o comportamento dos homens estava sujeito a uma pressão extrema. Dostoiévski conhecia o princípio Auschwitz. Seu questionamento buscava uma alternativa para Auschwitz. A única alternativa que ele encontrou foi, como já disse, a misericórdia. A mulher, a puta, salva Raskólnikov. Em uma das experiências realizadas nos campos de concentração, reduzia-se a temperatura dos presos abaixo da normal. Depois, enfiavam uma mulher por baixo deles, e o sexo salvava-lhes a vida. Esses experimentos formam a base da medicina espacial. É assim que a era tecnológica traduz Raskólnikov. Auschwitz é o modelo básico da sociedade tecnológica.

Dostoiévski coloca em questão a naturalidade com a qual matamos um inseto. Esse problema nunca aparece em Nietzsche; nele, os insetos só existem como metáforas. E isso porque Nietzsche nunca se viu na situação de ter de matar um animal, e jamais vivenciou uma realidade na qual a vida humana é aniquilada feito um inseto. Disso resulta sua frivolidade intelectual. O olho do Ocidente vê a partir da perspectiva da seção de metralhadoras, que limpa da paisagem os pontinhos negros que se movimentam em sua direção. Da perspectiva da metralhadora, o inimigo é apenas um pontinho preto que deverá novamente se transformar em paisagem. Os russos vêm pagando desde 1918 pelo fato de Dostoiévski ter torpedeado essa perspectiva. A Europa ocidental pode viver sem esse questionamento, mas os russos precisaram levantar tais questões, que, na Europa ocidental, foram recalçadas ou esquecidas, e pagam até hoje por isso.

A eclosão da psicose de Nietzsche é constatada a partir do fato de ele correr para a rua para ajudar um cavalo maltratado. Para uma personagem de Dostoiévski, um tal comportamento não seria particularmente incomum.

Nietzsche enlouqueceu com suas próprias visões brutais. Somente já louco é que ele podia abraçar um animal. E sucumbiu à percepção de ter abastecido de gasolina um *Zeitgeist* que ele não produzira. Pela necessidade de pensar clara e precisamente, ele havia descoberto o princípio da segregação.

Esse, aliás, é o problema em si do pensar e da arte. *O pensamento e a arte estão fundamentalmente ligados à culpa. Mas é claro que Nietzsche não criou o fascismo, nem tampouco Kafka o campo de concentração. Quanto mais precisamente se pensa e escreve, mais conjuntamente se caminha com a tendência da época. Sim, porque a arte ou o pensar só funcionam quando nos envolvemos nessa tendência da época. O pensar é fundamentalmente culposos, porque tem-se de pensar relativamente à realidade.*

Raskólnikov, Stavróguin, Karamázov não aceitam de modo algum o conceito de culpa da sociedade...

Em Dostoiévski, o fenômeno é a unidade constituída por criminoso e santo. Seu trato com a língua é bastante sarcástico. No entanto, sempre se traduz apenas o santo, e não o criminoso, como ocorre com Shakespeare. Essa unidade é que é a verdadeira dimensão subversiva em Dostoiévski. Nele, ainda há um sofrimento na experiência, experiência que foi suprimida em nosso século.

Entre nós, quem sofre em função da experiência é, antes, considerado louco.

Este é o problema da tecnologia. O sujeito desaparece nela. Só já velho, como sujeito moribundo — como é o caso agora de Ernst Jünger —, é que ele ainda pode experimentar-se como sujeito, porque aí a tecnologia já não lhe pode ajudar. O naufrágio do sujeito na tecnologia é uma experiência coletiva. O morrer é o único momento de individualidade na sociedade moderna. As ofertas do capitalismo visam o coletivo. Mas elas são formuladas de uma tal maneira, que arrebatam com esse mesmo coletivo. A oferta do comunismo, pelo contrário, é a solidão absoluta. O capitalismo jamais oferece solidão, mas sempre e somente comunidade. A oferta capitalista constrói-se diretamente sobre o medo da solidão. O McDonald's é a oferta absoluta de coletividade. No mundo todo, as pessoas sentam-se na mesma lanchonete, comem a mesma merda e todos ficam felizes, porque, no McDonald's, elas compõem um coletivo. Até mesmo os rostos nessas lanchonetes tornam-se cada vez mais parecidos uns com os outros.

A oferta do comunismo, a solidão, apresenta uma outra relação com a morte. O capitalismo, aliás, só é uma eutanásia na medida em que o morrer é recalcado. Existe o clichê de que o comunismo seria coletivização. Isso absolutamente não é correto, porque coletivização é o capitalismo — o comunismo é isolamento. O comunismo é a liberação do ser humano para sua própria solidão. Diante do espelho, o comunismo não nos dá nada. Nisso consiste a sua superioridade. O indivíduo é reduzido à sua verdadeira existência. Já o capitalismo sempre pode nos dar alguma coisa, na medida em que afasta as pessoas de si mesmas.

A pseudo-solidariedade do McDonald's é a paródia do coletivo comunista. O capitalismo é, de qualquer forma, uma paródia do comunismo — uma reação à ameaça do comunismo. É claro que, numa paródia, pode-se ter uma vida muito mais divertida. Ernst Jünger já disse em sua *Totale Mobilmachung* que há um grau de opressão que é sentido como liberdade. É nisso que está embasada a liberdade no capitalismo. A opressão é em tal medida complexa e abrangente, que ela é sentida como liberdade. *Para que uma mulher nos toque em diferentes partes do corpo é necessário muito mais tempo do que se dez mulheres o fizessem. Quando são dez mulheres a trabalhar no nosso corpo, sentimos isso como liberdade total. Mas se é uma única mulher quem o faz, trata-se igualmente de uma mão a nos pegar, de contato, portanto.* O que ocorre é que a mão capitalista organiza a massificação através da dispersão do indivíduo. Não há mais concentração sobre coisa alguma, porque são continuamente quarenta mil mulheres a nos tocar. O impulso de se entregar à máquina é coisa deste século. Nas máquinas socialistas, o sujeito, sua individualidade, seu luto individual e sua resistência individual tinham sempre uma chance. E já única e exclusivamente porque as máquinas eram muito ruins e ninguém queria aperfeiçoá-las. Num salão de massagens de Berlim Ocidental, perde-se toda a resistência — a massagem a faz desaparecer. Na RDA, não se faziam boas massagens. É por isso que as pessoas estavam sempre um bocadinho em si mesmas, o que, naturalmente, ninguém queria.

Mas o que se propagou na RDA foi o coletivo, não o individualista.

O marxismo foi entendido de uma forma essencialmente equivocada, conforme o entendimento que Hermlin teve dele, ou seja, de que a emancipação geral precede a do indivíduo. Em Marx, o que se lê é precisamente o contrário: a emancipação do indivíduo é a precondição para a emancipação de todos. Esse é o programa do isolamento. A massificação teve origem tão-somente em função da aplicação do experimento socialista no lugar errado e à época errada.

Muitos sujeitos sucumbiram no stalinismo, mas sobreviver só se pôde também enquanto sujeito. No capitalismo, a maioria só pode sobreviver enquanto objeto. O que nós tivemos aqui foi simplesmente o percurso mais duro. Quando um sujeito surge no aquário ocidental, imediatamente quarenta terapeutas se reúnem e o transformam num objeto.

Heiner Müller, um dos mais importantes autores teatrais contemporâneos, nasceu na Alemanha em 1929. No Brasil, algumas de suas peças (*Mauser*, *Hamlet-Máquina*, *A missão e Quarteto*) foram publicadas na coletânea *Teatro de Heiner Müller*, pela Hucitec.

Novos Estudos

CEBRAP

Nº 33, julho 1992

pp.199-212

Palavras-chave:

Capitalismo; era tecnológica; mecanização; drogas; minorias.

Keywords:

Capitalism; technological era; mechanization; drugs; minorities.